



Editorial

Dossiê: Tendências da poesia brasileira contemporânea

Este número da Revista Eutomia é dedicado ao poeta recifense **Eduardo Diógenes**, autor dos livros **Malabarismo Crônico**¹, **A Barlavento**² e **Ilha do Recife dos Navios**³.

PONTO ÚNICO

Um ato solitário escrever
a caneta no chão
pássaros ônibus céu cinzento
a memória
fúria de cabeça de gente
tempo
incertamente a razão
os todos os sentidos
continente desconhecido
capitães e lunetas
telescópios dos mundos em mim.

¹ Edições Pirata, 1980

² Sete Letras, 2000.

https://books.google.com.br/books/about/A_barlavento.html?id=bqYG8yHqnVMC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

³ No prelo.

*18 de agosto de 1955 - + 27 de julho de 2020 - in memoriam

SEGUNDA EDIÇÃO

datilografar o poema
depois de senti-lo
manuscrito na alma.

POUCO A POUCO

Em cantilenas ou silêncios
um pouco
do que restou do poeta
neste século
que exige atletas
lépido ágil
com algum encanto
o poema também salta
em tríplice acrobacia
e pode residir
caso permita quem o sinta
nos corações
desajuizado e belo
mas, forte
como os jogos bélicos.

Eduardo Diógenes

Há cerca de quatro meses, solicitava ao seu público que se manifestasse sobre o estado da arte da lírica brasileira contemporânea. A chamada para trabalhos publicada em nossa página estabelecia alguns parâmetros para as colaborações ao número, conforme se vê no texto da *Chamada para Trabalhos*, apresentada a seguir:

"Vivemos, nessa primeira metade do século XXI, um momento notadamente prolífico da poesia no Brasil. Depois da grande cadeia de poetas iniciada com **Bandeira** e prosseguida por **Drummond**, **Murilo Mendes**, **Cabral**, **Cecília Meireles**, pelo movimento dos concretos, com a produção que continua ativa de **Augusto de Campos** e mais recentemente, com a facilidade de acesso a gráficas e pequenas editoras,

aumentou exponencialmente, o número de poetas líricos. Como, entretanto, já não temos suplementos literários (as exceções são o Suplemento Pernambuco, o Jornal Rascunho, a Olympio, a Revista 451), torna-se difícil conhecer essa produção em sua totalidade. Daí a ideia de organizar este número. Luiz **Costa Lima**, um dos críticos consultados, entende que a modernidade, desde o seu advento, vem sendo acompanhada da ênfase no sujeito, com o sinal de positivo que mantém desde seu auge com **Hegel** até **Simmel**. A partir de então, no século XX, tem-se propagado sua fragmentação, que aumenta de acordo com a ênfase na performance. Isso se dá à medida que o performativo cresce em importância. O performativo consiste em o sujeito se pôr como seu próprio centro. Daí a multiplicidade de centros e seu simultâneo esvaziamento. Portanto, no caso da lírica brasileira contemporânea, a multiplicidade de direções não significa, para ele, simultânea riqueza, mas ao contrário, a variedade de expressões que, centradas em si, são em alguns casos vazias. Luiz **Dolhnikoff** compartilha (e reforça) essa chave de leitura quando afirma que nos anos 1990, “após o fim das certezas clássicas e das vanguardas artísticas, no contexto da crise final das grandes utopias políticas, a poesia perde suas principais referências histórico-culturais e, igualmente, suas principais referências formais. O resultado é a atomização das vozes poéticas, caracterizada pela idiosincrasia formal e pelo solipsismo temático. Ambos encontram respaldo conceitual em uma releitura lata de alguns preceitos modernistas, notadamente o fim das formas fixas e dos temas tradicionais”.

Marcos **Siscar** dá testemunho sobre a tão propalada diversidade da poesia contemporânea em “O *tombeau* das vanguardas: a “pluralização das poéticas possíveis”, no qual erige os textos de **Haroldo de Campos** como paradigma crítico contemporâneo. A tão propalada e prestigiada situação da poesia contemporânea, a da diversidade e convivência pacífica de tendências e projetos, é suficientemente prestigiada na universidade e na mídia para dispensar ilustração e tem relação com as políticas aplicadas à educação e à cultura. Essa chave de compreensão é tão repetida a ponto de ter-se tornado o discurso dominante sobre a paisagem contemporânea também na França. Quanto ao estado da questão no Brasil, **Siscar** sublinha que a defesa enfática da diversidade poética registra saldos positivos expressos na boa qualidade média da poesia contemporânea. Mas isso caminha lado a lado com uma resistência ao que alguns críticos chamam de “democratismo” sem critérios, que

resultaria num “mar de coisa escrita”, segundo a expressão de Alcir **Pécora**. Siscar chama atenção para a existência de pulsões contrárias convivendo no cenário da poesia contemporânea, cujo exame se faz necessário se queremos ter clareza sobre o valor crítico da noção de diversidade, assim como compreender os desafios antepostos à poesia nas últimas décadas. “Do ponto de vista da compreensão histórica que possamos ter do assunto”, diz ele, “parece-me que a ideia da diversidade, tomada de modo abrangente, como tem sido, corresponde a um subterfúgio usado para escapar à nomeação das forças estruturantes do presente, uma espécie de abdicação da história literária e, em certas condições, um desejo de pacificação do campo conflituoso do presente.” Na identificação dessas forças, porém, Luiz **Dholnikoff** e Luiz **Costa Lima**, cada um a seu modo irão mais fundo: o segundo, conforme menção feita acima, ao identificar na performance e na fragmentação do sujeito o mecanismo capaz de explicar a atomização da expressão moderna. Os dois terão inequivocamente bebido na fonte originária de **João Cabral de Melo Neto**, para quem *O poeta moderno, que vive no individualismo mais exacerbado, sacrifica ao bem da expressão a intenção de se comunicar. Por sua vez, o bem da expressão já não precisa ser ratificado pela possibilidade de comunicação. Escrever deixou de ser para tal poeta atividade transitiva de dizer determinadas coisas a determinadas classes de pessoas; escrever é agora atividade intransitiva, é, para esse poeta, conhecer-se, examinar-se, dar-se em espetáculo.* (MELO NETO⁴, 1998)

Saudamos, com alegria, o primeiro poeta a despontar nos escaninhos da revista **Eutomia** em resposta à nossa convocação, Jorge **Wanderley**, trazido pelas mãos do professor Mario Newman de **Queiroz**, com o artigo “Fazendo Água, Poética da Imersão em Jorge **Wanderley**”. Talvez porque **Jorge** já traga assim inopinadamente a perspectiva de que da diversidade resulte também o movimento reverso, Mario **Newman** procura evidenciar, através da leitura analítica de três poemas, como o poeta constrói uma subjetividade singular por meio da recusa do individualismo e por um mergulho na tradição poética, a contrapelo, portanto, do que vimos imperar na “poética da diversidade” dos nossos dias. Para isso, diz **Newman**, “é preciso consolidar

⁴ MELO NETO, João Cabral de. Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

a tradição como um campo transcendental, solo vivo e atual, em que a voz que se manifesta nos poemas busca paradoxalmente o seu apagamento, em frontal recusa do individualismo moderno e suas presunções". O texto do professor Mario **Newman** é de grande interesse, na medida em que indaga sobre as condições do terreno sobre o qual buscara o poeta constituir seu projeto. Longe de solo pacífico, esse terreno, ou 'cena de escrita', como também podemos designá-lo, é sacudido por tumultos e violentos tremores: "uma profunda tensão se dá entre aquele que escreve e a tradição, entre o escritor e o conjunto de precursores. E a mesa é o primeiro objeto a surgir no poema.

" O sentimento que preside à mesa, nesta cena de escrita vazia, é o medo.

Antes a mesa era grave e todos sentavam a meu lado
para ver como eu escrevia.
Agora escrevo no deserto.
Não sei se tinha mais medo com eles ou se tenho mais sem eles.
(Newman, op. cit. p. 4).

A presença de **Jorge** nesta antologia saudaremos também com o prefácio, escrito por **Silviano Santiago**⁵, ao livro "Anjo Novo": "O adjetivo desocupado. Será que ele pode conotar o mesmo conteúdo quando qualifica uma casa e um homem? Casa desocupada - homem desocupado. A poesia de **Jorge Wanderley** vem nos dizendo que pode. Tanto a casa quanto o homem, despojando-se de coisas & loisas, desocupando-se, tornam-se, primeiro, mais espaçosos, vivendo como que em atitude hiberna, sempre prontos para que de novo sejam (ou não) ocupados, e, em seguida, tornam-se mais inúteis, convivendo com a solidão e a inércia que nem um pachorrento Buda em praias desertas do Sri Lanka." Palavras extraordinárias de Silviano **Santiago**, um convite à leitura completa de sua resenha neste link. (Silviano **Santiago**).

E porque Jorge era um facilitador dos encontros, a palavra afetuosa do poeta e acadêmico Marco **Lucchesi**, hoje Presidente da Academia Brasileira de Letras:

"Saudades de Jorge

Porque foi essencialmente um homem de letras, raro, integral, sob

⁵ Silviano Santiago. Prefácio ao livro " Anjo Novo ", poemas, de Jorge Wanderley, 1ª Edição, RJ, Timbre / Taurus, 1987

uma espécie de baricentro borgeano, com seu *Aleph*, vivo e fascinante. Jorge: monge beneditino, no coração da pós-modernidade, cujo incenso, na liturgia da palavra, era o cachimbo, *ceci n'est pas une pipe*, que compunha ao seu redor uma densa névoa. Das regiões setentrionais, fumo holandês, como revelou num passeio. Fumos de Holanda, entre Portugal e Recife. Armas de Holanda. Depois, *Fliegende holländer* no Rio. E, naquela névoa, desenhava os olhos de Beatriz e Diadorim, das quais se enamorou. E no corpo de ambas, incerto e radioso, fez-se poeta e refinado tradutor. Teórico do processo de transporte da língua de partida para a de chegada, **Jorge** criou a teoria da negociação para o ofício aplicado no campo tradutório. *Traduttore, bel lettore*.

Longas conversas na Biblioteca Nacional: Jorge, Ivan Junqueira e eu, entre **Dante**, **Eliot** e **Baudelaire**. **Jorge** andava mergulhado até os ossos na tradução da *Divina comédia*, com aquele zelo etimológico da poesia, realmente notável. Ao fim dos cantos do Inferno, abre as portas de seu laboratório, comparando soluções com as de seus predecessores.

Ali consolidou uma poética, rimas camonianas, compassos e células rítmicas das tercinas, de modo original, como um largo *work in progress*.

Partiu cedo, mas o legado resta, valioso, tesouro incontroverso, realidade notavelmente expandida, como quem abraça a literatura-mundo.

Suas páginas dantescas emergem das águas do Capibaribe, de **Bandeira** e da hídrica, nada úmida, de João **Cabral**, assim como **Drummond**, no plano existencial, mais afinado com suas antenas e sensibilidade.

Alcançou agora a pluralidade agônica do alfabeto hebraico e o poema sem rosto, que vibra como pura energia.

E um físico pergunta: Por que não nos lembramos do futuro?"

Marco Lucchesi

João Alexandre **Barbosa**⁶ (1937-2006), professor da **USP**, autor de notáveis títulos em crítica literária ("A Metáfora Crítica", "A comédia intelectual de Paul **Valéry**",

⁶ João Alexandre Barbosa. Réquiem para Jorge Wanderley. In Antologia Poética Jorge Wanderley.

"A imitação da Forma", entre outros), companheiro do poeta na adolescência passada em Recife, frequentador, como ele, do **Gráfico Amador**, amigo dos mesmos amigos, escreve uma despedida emocionada para Jorge, em "Réquiem para Jorge Wanderley", sem descurar, porém, da criticidade com que estabelece os parâmetros pelos quais a obra deixada por ele afirma a sua presença nos quadros atuais da poesia brasileira. E assim participa desta reunião em torno da figura deste poeta.

João Alexandre observa a forma como a poesia de Jorge, trazendo o leitor para o tumulto de sua subjetividade, cria o espaço para uma grande generosidade, refugando qualquer traçado mais objetivo, com a notável exceção que é o poema "Igreja":

"Cone ou mão quase fechada,
colina aguda de sal.
Dentro, o tempo desigual
e o órgão urdindo a arcada de sons.
No som repousa a arquitetura
dos homens, e a conjetura
do eterno." **Jorge Wanderley**

"Com a publicação do livro de prosa 'Arquivo/Ensaio', publicado pela Edusp em **1994**, completava-se um ciclo fundamental na trajetória de **Jorge Wanderley**: o do poeta, o do leitor crítico, e o do tradutor. Serve de exemplo o soneto (disfarçado) 'Uma Vida'.

"Uma Vida
O prêmio concedido - com fissura.
O bem já por chegar - mas chega tarde.
A sombra do imperfeito em cada altura
- Onde menos se dê do que se guarde.
Algo por dentro que contém vazios.
A plenitude eternamente à frente,
O adiamento, o quase, o por-um-fio,
Sem direito a nenhum ranger de dentes,
Que derrota não houve; foi apenas
Fruto imperfeito, sim, mas de uma árvore,
Peixe rude, mas vindo em boas águas.
Não há queixa possível, falta pena

Bastante para o verso e para o mármore.

Rói no pétreo silêncio a tua mágoa.”

Jorge Wanderley

Sobre “O Agente Infiltrado e Outros Poemas”⁷, João Alexandre Barbosa pontua: “é isso mesmo: o seu título é como que uma definição para aquele movimento que já observei em seus últimos textos, na medida em que há uma espécie de “infiltração” na lírica até então cultuada (mais até do que cultivada) pelo poeta e todo o problema para o seu leitor está em saber ler o seu primeiro termo. Para mim, não tenho a menor hesitação em afirmar que aquele “agente” do título é, sobretudo, um elemento pertencente àquela outra tradição lírica - a dos “ofídicos” em oposição à dos “órficos”, conforme a própria oposição elaborada por Jorge Wanderley no primeiro ensaio do livro de prosa de 1994, já referido -, estabelecendo-se, desse modo, uma tensão estrutural de grande beleza em alguns dos poemas da obra. Porque, acentue-se, não há, nos melhores exemplos, a dominação de um ou de outro, mas sim a complementaridade, dando como resultado aquela ambiguidade significativa fundamental para a permanência e sobrevida da própria lírica.” (JAB)

Vemos Sebastião **Uchoa Leite** primeiramente pelo olhar crítico de Viviana **Bosi**⁸ - “As ‘Ideias Dente’ de Sebastião **Uchoa Leite**” e, em seguida, de Luiz Costa **Lima**⁹, em “Um poeta sem concessões”, publicado na Folha de São Paulo em 7 de dezembro de **2003**, poucos dias depois do falecimento do poeta (Gostaria de abrir um parêntese para disponibilizar aqui a entrevista que concedeu Sebastião à autora destas linhas, em 2002, que se encontra publicada na revista **Germina**: “O Império da Imaginação e da Fantasia¹⁰”). Sobre Sebastião, João Alexandre **Barbosa** havia lançado o epíteto de “raro entre os raros”, no prefácio do livro “A Espreita”, onde analisa quatro décadas de produção de **Uchoa Leite** sob a perspectiva de uma “transformação substancial”, tanto do sujeito lírico como do fazer poético. Entre esses dois, Barbosa e Uchoa Leite, duas

⁷ Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

⁸ Bosi, Viviana. As Ideias Dente de Sebastião Uchoa Leite. Bosi, V. (2014). In *Sobre Sebastião Uchoa Leite*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. *Sobre Sebastião Uchoa Leite*. [Flora Süssekind](#) e [Júlio Castañon Guimarães](#) (Org.). Coleção FCRB, Série Estudos.

⁹ Lima, Luiz Costa. Um poeta sem concessões. Folha de São Paulo, 7/12/2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0712200312.htm>.

¹⁰ Cavendish, Sueli. & Uchoa Leite, Sebastião. O Império da Imaginação e da Fantasia. *Entrevista de Sebastião Uchoa Leite a Sueli Cavendish*. Revista Germina. Disponível em: https://www.germinalliteratura.com.br/2012/pcruzadas_sebastiaouchoaleite_dez12.htm.

palavras sobre o texto de apresentação de Frederico **Barbosa**¹¹ ao “Poesia Completa de ‘Sebastião Uchoa Leite’”, citado acima. É um excelente ensaio, cujo título é “A engenhosidade do Crime Perfeito¹²”. Nela é escrutinado o modo de operação de Uchoa **Leite**, a partir do poema “Transparências”, com que se distancia tanto da influência de **Valéry** quanto dos modernistas. Fred, nascido no **Recife**, é filho de João Alexandre **Barbosa**, e veio para **São Paulo**, com os pais, aos 6 anos de idade, circunstância que lhe garante pertencimento natural ao grupo, mesmo porque é também poeta, nesta mesma tradição da reflexão e da ironia. Sobre sua poesia publicamos também aqui o artigo de **Claudio Daniel**¹³, poeta paulistano: “A Poesia Insubmissa de Frederico **Barbosa**”, obedece a “uma dupla estratégia, uma no campo do engenho léxico e sintático, e outra na seara do pensamento: busca o impacto da forma “inusual”, imprevista, jogando com todos os recursos da função poética, mas sempre com uma visada crítica, não raro sarcástica e corrosiva. Enfim, falar de um significa sempre falar de todos, confraria formada por complexa cumplicidade, cujo início remonta às bancas escolares de ensino secundarista no Recife.

Voltando a Viviane **Bosi**, observamos que ela trata de estabelecer a veia particular da ironia em **Uchoa Leite**, por contraste aos demais poetas que também a praticam, destacando a radicalidade do negativo em **Sebastião**: “O eu-poético é, nas suas palavras, o próprio ‘pássaro crítico’ que zomba de si em um ‘espirro musical’, destruindo “a máquina de metáforas” – numa “poética do espirro”, “irrisão do ser”, oposta ao hausto da inspiração – ‘vômito amargo/Que vem/Do âmago/Do vácuo. Este sujeito ataca a todos’, ‘do nada onde somos’ - vazio de dentro, ‘vazios de fora’, ‘fala da voragem/que nos devora’. A(s) palavra(s) no poema (serão), enfim, ‘idéias-dente’ ‘que mordem e se remordem’, como ‘ecos de uma cisterna sem fundo’(As ideias dente de SUL). Já Luiz **Costa Lima**, em seu artigo, nos introduz a um **Sebastião** de carne e osso, ao evocar lembranças da atuação do jovem poeta nos projetos dirigidos por Paulo **Freire** (na antiga Universidade do Recife), hoje Universidade Federal de Pernambuco, quando o poeta se tornou frequentador assíduo das conversas e dos sonhos da revista

¹¹ Barbosa, Frederico. A engenhosidade do Crime Perfeito. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/71-ensaio/1601-a-engenhosidade-do-crime-perfeito.html>.

¹² Publicado pela Cosac Naiffy/CEPE Editora, 2015.

¹³ Daniel, Claudio. “A Poesia Insubmissa de Frederico Barbosa”. Disponível na aba Conexões desta edição.

e da rádio ligados a esses projetos, colaborando nos cursos de alfabetização idealizados por **Paulo**, “para horror das grandes famílias espirituais da cidade, que nos acusavam de preparar eleitores para candidatos comunistas. Por seu intermédio, tive acesso a amigos seus mais maduros - **Gastão de Holanda**, **José Laurênio de Melo**, Orlando da Costa **Ferreira** - ou cresceram laços com amigos de nossa idade, Gadiel **Perruci**, João Alexandre **Barbosa**, Jorge **Wanderley**”. Sabemos que foi na tipografia artesanal do **Gráfico Amador**, fundado em 1954 por um grupo de intelectuais pernambucanos (Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, José Laurênio de Melo, Orlando da **Costa Ferreira**, João Cabral de **Melo Neto** e Ariano **Suassuna**) com o objetivo de publicar pequenos textos literários, principalmente poesia, que se imprimiriam, em 1960, os livros de estreia de Sebastião **Uchoa Leite**, “Dez Sonetos sem Matéria”, e de Jorge **Wanderley**, “Gesta”. (Quanto a mim, autora dessas breves linhas, certifico que o **Gráfico Amador** era um lugar agradabilíssimo de se visitar, situado no nº 415 da rua Amélia, onde estive algumas poucas vezes ainda criança e pude observar que ali discutia-se de tudo e tomava-se partido, de forma acalorada, bem à moda pernambucana: qual das artes era a mais fecunda, qual a mais importante? o repto fora naquela noite lançado por Gastão de **Holanda**, um dos mais entusiasmados participantes. Dali podia-se sair e caminhar pelas ruas do Espinheiro, onde o cheiro do jasmim reinava absoluto). Ainda sobre **Sebastião**, nos lembra Luiz Costa **Lima**, era homem cultíssimo, vindo da poesia para o cinema, para a pintura, para a história em quadrinhos, para a música experimental e o jazz, como não o era menos, Jorge **Wanderley**, conforme já assinalado de forma tão vibrante por **Lucchesi**. Mas assim também o próprio Luiz Costa Lima¹⁴, cuja reflexão sobre a mimese forma um ‘construto tão amplo que pode ser considerado uma proto-antropologia filosófica’ (ver “Intuição teórica / antropologia filosófica: O arco intuitivo de Luiz Costa Lima em busca da mímesis”. Podemos chamar a todos eles, mesmo que já se vão passados tantos anos e a paisagem seja outra, de “o pessoal do Gráfico”. “Poucos anos depois”, finaliza **Luiz**, “o golpe de 1964 destruía a cidade que fora nossa.”

¹⁴ Lima, Luiz Costa. O arco intuitivo de Luiz Costa Lima em busca da mimese. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/244682>.

Artigos sobre Poesia Brasileira Contemporânea

§ -- “Nada se perde, tudo se transforma (em Marília **Garcia**)”, de Rayi Kena Ferraz da **Cunha**. Uma leitura crítica de “O poema no tubo de ensaio” publicado no livro “Parque das Ruínas” (Luna Parque, 2018) da autora Marília **Garcia**, a partir de uma perspectiva cerrada de leitura, (close reading). Para operar largamente a metatextualidade e a conceptualização de seus textos, a poeta se vale da repetição obsessiva e da reiteração reflexiva enquanto instrumentos não só de escrita, mas de sua própria percepção de mundo. A repetição parece superar o caráter eminentemente linguístico e estilístico da figura de linguagem e alcança um extrato de meio de expressão em si, inclusive, como meio de expressão em suas performances literárias.

§ -- “Lamber o mundo com a própria língua erótica e política em Ricardo **Domeneck**” de Gustavo **Silveira Ribeiro**. Estudo da relação entre erotismo e política na poesia de Ricardo **Domeneck**, em cujo centro estão o corpo e o desejo. O artigo considera com mais ênfase o livro mais recente do autor, “Odes a Maximin”.

§ -- “A Percepção Subjetiva da Paisagem em ‘Sobrevoando Olhares: O mundo desvelado na Produção Poética de Hailton **Correa**’, de Fábio Júlio de Paula **Borges**, Adolfo José de Souza **Frota** e José Elias **Pinheiro Neto**, artigo que analisa como a percepção da paisagem é construída pelo sujeito lírico do poema ‘Sobrevoando olhares’, do poeta Hailton **Correa** (2017), presente em seu livro “Senda incomum”. O poema expressa a percepção desse sujeito em relação ao mundo e aos acontecimentos que o povoam. O sujeito lírico, ao sobrevoar a paisagem, não se mantém apenas em um plano horizontal, mas paira sobre o mundo. Os olhares são múltiplos, pois partem da singularidade do olhar para a coletividade se espalhando na paisagem. **Bosi** (1977), **Camargo** (2011), **Collot** (2013), **Hegel** (2004) e **Paz** (1982) sustentam a análise desta poética. No que concerne às discussões acerca do espaço e da percepção, **Cassirer** (2001), **Rosenthal** (1975), **Merleau-Ponty** (2006), Tuan (1983), **Bachelard** (1978) e **Bakhtin** (2003).

§ -- “A escrita de Guilherme **Zarvos** e uma questão para a intermedialidade”, de Augustto Corrêa **Cipriani**. Parte da obra mais recente do poeta Guilherme **Zarvos** se volta para a experimentação visual da escrita, produzindo uma mescla de elementos visuais e verbais que desafia a leitura enquanto mera decifração dos elementos linguísticos. Compreendendo o traço experimental da obra “Escritos de garranchos”, busco compreender como a noção de escrita ali engendrada se apresenta

como um empecilho para definições atualmente bem consolidadas no campo da intermedialidade (sic). Para isso, comparo os artifícios escriturais de **Zarvos** com as definições de mídia, midialidade (sic) e modalidade propostas por Jørgen **Bruhn** e Lars **Elleström**. § -- “A Poesia brasileira em Conflito com o Tempo e o Pensamento”, de Claudio Alexandre de **Barros Teixeira**. A poesia brasileira produzida a partir da década de 1990 até os dias atuais caracteriza-se por uma “pluralidade de poéticas possíveis”, para citarmos Haroldo de **Campos**, revelando a ausência de uma estéril hegemonia em favor da diversidade, do diálogo criativo com a tradição moderna e a busca da experimentação, numa época em que o espírito utópico que animava as vanguardas históricas entrou em eclipse. Na poesia da “agoridade”, “pós-utópica”, não se tem como meta o planejamento do futuro, mas a criação poética necessária que responda aos desafios do presente. § -- “In vino Poesis. A embriaguez nas tradições e na lírica brasileira contemporânea” de Alexei **Bueno**”, por Gabriela de Santana **Oliveira** e Rafael Campos **Quevedo**. O artigo propõe uma reflexão acerca do emprego de um tema, pertencente ao patrimônio poético universal - a embriaguez - tanto em diferentes línguas e tradições quanto na lírica brasileira contemporânea de Alexei **Bueno** (2003; 2009; 2019). Para tanto discute-se o arcabouço simbólico do tema do vinho e do mito heleno de **Dioniso**, rastreando exemplos de suas variações e representações colhidos das produções dos mais distintos poetas: Antonio de **Navarro** (1961), Hilda **Hilst** (2017), Charles **Baudelaire** (2011), Orides **Fontela** (1988), Omar **Khayyán** (20), Sophia de Mello **Andresen** (2018), Manuel **Bandeira** (2013) e Fernando **Pessoa** (2014). A análise do corpus busca identificar como, à luz da tradição dionisiaca, o tema da embriaguez foi apropriado na atual poesia de Alexei Bueno. § -- “Intertextualidade na poesia brasileira contemporânea” de Diamila Medeiros dos **Santos**. A partir da apresentação de obras de poetas brasileiros contemporâneos com dições poéticas diversas, como Angélica **Freitas**, Bruna **Beber**, Guilherme **Gontijo Flores**, Marcelo **Ariel** e Marcelo **Montenegro**, destacamos a intertextualidade como elemento relevante dessas produções, cada vez mais tangível, desde o Modernismo até o momento presente, forjando isso que chamamos de poesia, isto é, a necessidade de estabelecer nexos e diálogos com outros autores e textos. Nossa base teórica incorpora autores que pensaram a teoria do texto, do hipertexto, da pós-modernidade e das produções artísticas contemporâneas, como Roland **Barthes**, Frederic **Jameson**, George **Landow**, Nicolas **Bourriaud** e Luciana di

Leone. § -- Marcelo **D'Ávila Amaral**, "O sim do amor à vida (ou à morte?): o amor extático e 'disgraçado' em Baco Exu do Blues", texto que analisa as implicações do erotismo nas letras da composição "Te amo desgraça", do rapper soteropolitano Baco Exu do Blues, sob o crivo do êxtase religioso e da vertigem da morte como matérias amorosas inscritas na visão do sagrado, quando da tentativa, por vezes chamada trágica, de retorno ao Uno, ao Primordial ou, se se quiser, a Deus. Para tanto, a leitura de tal diegese poética partirá das concepções sobre o erótico e o sagrado formuladas por Georges **Bataille** para além dos pressupostos institucionais do cânone literário brasileiro. § -- "O retrocesso social e político do Brasil e a poesia de mulheres como forma de resistência", de Naylane Araújo em que um percurso histórico é traçado a fim de explicar a concepção de criação poética desde a inspiração até o trabalho poético enquanto ato técnico e racional ligado à metáfora da tecelagem. Leitura de poemas de Orides **Fontela**, ligados à metáfora artesanal da tecelagem poética, e a princípios da poética de Paul **Valéry**. Como fundamentação teórica as análises de **Scheid** e Jesper **Svenbro** sobre a metáfora da tecelagem, Ernst **Curtius**, Jacyntho **Brandão** e Luiz **Krausz** sobre o tema da inspiração na poesia antiga, além de noções da poética valeryana para a análise do corpus. § -- "Amor e Política, Uma Comunidade do Dano", condições precárias em alguma poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres", de Daniella **Magalhães**. Abordagem da grande presença de poetisas mulheres cuja produção expõe a misoginia, o machismo, o feminicídio, o racismo, a normatividade de gênero e a pobreza, entrelaçados ao amor e à política. Identificando-se com a noção de "precariedade" de Judith **Butler**, este artigo pretende mostrar algumas condições que fazem dessas poetisas uma comunidade pautada no dano, aproximando-se em uma luta lá onde elas aparentemente não se aproximariam. Serão abordadas as poetisas Tatiana **Nascimento** e Tatiana **Pequeno**. § -- "Em troca do nada dito: a liquidez poética de Alberto **Pucheu** e outros náufragos". Daniel de Oliveira **Gomes** trata a questão do lugar criativo como o topos revelador do anonimato, da exclusão e da alteridade para analisar as tendências poéticas de Alberto **Pucheu**. § -- Literatura e Re-existência: Possibilidades do fazer literário como instrumento de ação e mudança social. § -- Em "A mão esquerda de Vênus" (Globo Livros), Lúcio Flávio **Gondim da Silva** trata do segundo livro de poemas de Fernanda **Young**, romancista, dramaturga, roteirista, atriz e poeta, no qual ela dá acesso ao processo de construção e

desconstrução da sua produção lírica e imagético verbal. Publicado em comemoração aos vinte anos de produção literária da artista, a obra é um grande *work in process* que abraça a mitologia grega, o misticismo e o diário íntimo. §-- Em “algumas considerações sobre a presença de elementos ecológicos na poesia contemporânea brasileira”, Mariana Cristina **Pinto Marino** e Yuri Amaury **Pires Molinari** discutem o fator ecológico na poesia de Ana **Martins Marques**, Sérgio **Medeiros**, Jussara **Salazar** e Vinícius **Lima**, ressaltando aqueles aspectos que enriquecem o debate ecológico na poesia. §-- Allinne Silva **Santos** e Adriana Maria de Abreu **Barbosa** lançam um olhar para três movimentos do fazer literário: a antologia literária e fotográfica *Profundanças*, a coalizão de mulheres escritoras do Movimento Respeita e para a oficina de Ângela Toledo, por meio da ACD, a Crítica Feminista e as “Escritas de Si”.

Poesia Avulsa

Neste número, dita avulsa apenas porque desacompanhada de texto explicativo ou analítico, a poesia de um grande como § -- **Salgado Maranhão**, que nos prestigia com o envio de poemas pertencentes ao seu “Mapa da Tribo”. Amigo próximo de Jorge **Wanderley**, que dele afirmou: “**SM** alcança patamares importantes da expressão poética”, autor de uma poesia cuja “...linguagem (é) extraordinariamente rica, imagética e original”, segundo o acadêmico e poeta **Antônio Cícero**, ou que exhibe “grande domínio do discurso poético, pelo qual é um dos poetas altamente representativos da poesia brasileira contemporânea”, pelo registro de Domício **Proença Filho**. § -- Neste número de Eutomia, Rodrigo **Garcia Lopes** participa com 5 poemas do seu belo livro recém publicado, “O Enigma das Ondas”. § -- Marcos **Siscar** participa deste número com 3 poemas, um dos quais em homenagem a Sebastião **Uchoa Leite**. § -- Fernando **Monteiro**, escritor, poeta e cineasta. A editora **Sol Negro** de Natal lançará, proximamente, o novo poema longo de Monteiro: Os Vivos(?) e os Mortos, do qual a Revista Eutomia apresenta, em primeira mão, o presente fragmento. § -- Marcia **Cavendish Wanderley**, viúva de Jorge **Wanderley**, participa deste número com seis poemas: “O amor”, “Enquanto andamos”, “Todos dizem I love you”, “Predomínio do Negro”, “Bergson em Pernambuco” e “A idade do entendimento”. § -- De Marcelo **Calderari Miguel**, “Umbrático presságio, distopias o presente esculpe”. § -

- "Ser Poesia", de Eunice **Boreal**, filósofa, produtora e artista. A partir do seu conceito de Poesia "TransForme", desenha, dirige filmes, canta, atua e promove o método com inspirações interdisciplinares. § -- Luciana **Martins**. "Impropérios – Poemas"¹⁵. § -- "Vinte e cinco horas", do livro "Elegia da Imperfeição"¹⁶, de José **Amâncio da Silva**. § - - "O Livro dos Epílogos" e outros poemas, de Assis de **Mello** (Francisco de Assis Ganeo de **Mello**). § -- "No País dos Estaleiros", de Francisco **Orban**. § -- "Gris", de Cida **Pedrosa**, menina de ouro da poesia recifense. Vencedora do prémio **Jabuti de 2020**. Com apresentação de Marcelino **Freire**¹⁷. § -- Sérgio **Medeiros** participa deste número com "Ilhas deste & do outro mundo (fragmento)". § -- "Romã e outros poemas", de Mariana **Arraes de Alencar**. § -- "Sóis", de Ricardo **Carranza**; e § -- Davino **Ribeiro de Sena**, presença assídua em Eutomia, neste número participa com "Didática dos insetos", "TIC-TAC" e "Metonímia".

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura!

Sueli Cavendish (UFPE)

Luci Collin (UFPR)

Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE)

¹⁵ Curitiba, Kotter, 2019.

¹⁶ Edições Parresia, 2001.

¹⁷ Recife, Editora Cepe, 2020